

# Sofisticação e qualidade na monitoração

## Testamos a Rokit 8 e a VXT6, da KRK

**E**xistem fábricas que mesmo não sendo gigantescas, sem oferecer um grande leque de produtos, ainda assim se firmam no mercado. A qualidade de seus equipamentos é tão boa que acabam obtendo uma credibilidade, nos garantindo uma ideia do que esperar quando lançam algo novo. Em minha opinião, esse é o caso da KRK. Fundada em 1986 por Keith Klawitter, um daqueles caras que por insatisfação começa a fazer seu próprio equipamento (e deu certo), a KRK já nos brindou com produtos de sólida reputação, como os monitores K-ROK, a linha 7000 e a V Series. Fazendo parte da crescente consolidação dos estúdios de médio e pequeno porte na década de 90, lá estavam as KRK fazendo bonito ao lado de outras valentes marcas.

Foi então, e com grande expectativa, que recebi um par do modelo Rokit 8 e das VXT 6 da Habro Music ([www.habro.com.br](http://www.habro.com.br)), representante

da marca no Brasil. De cara, dois brinquedinhos novos de um fabricante de confiança. Nada mal!

Os monitores são um tipo de equipamento bem diferente dos demais em um estúdio. Constantemente, recebo emails de leitores me perguntando quais monitores, dentre uma série de opções, eu prefiro (geralmente, como todo mundo já sabe, uma das opções mais comuns é aquela marca "meia boca", mas é a que a maioria tem dinheiro pra comprar). Só que, diferente dos equalizadores e compressores (e, em alguns casos, até mesmo dos gravadores e softwares de edição), ninguém escolhe em quais monitores vai mixar um trabalho. São os que o estúdio tem e pronto. Assim, raramente tenho possibilidade de dizer qual o mais indicado dentre as diversas opções, pois só uso os que tenho. De vez em quando, a gente tem a chance de trabalhar em um estúdio diferente e pode até ficar impressionado com a monitoração,

mas sempre fica a dúvida. São as caixas, ou a acústica e o equipamento restante?

Assim, a chance de testar monitores de qualidade é de ouro, não só para quem testa, mas também, e principalmente, para quem precisa da informação. E se eles forem a preços atraentes, então, é vantagem em dobro.

## Apresentação dos modelos

Para nossa análise, vieram a VXT6, de woofer de seis polegadas, e a Rokit Powered 8, com woofer de oito polegadas. A linha VXT herda características da Exposé (que pelo nome, já demonstra ser mais sofisticada e mais cara), principalmente no design. Apresenta três modelos, de quatro, seis e oito polegadas. As Rokit Powered têm o preço mais acessível e possuem modelos de cinco, seis e oito polegadas, complementados por um subwoofer de 10 polegadas.

## Primeiras impressões

### A VXT6

Estava eu, então, com a minha primeira decisão complicada: qual das duas abrir primeiro. Decidi por ordem de tamanho e comecei pela VXT6. Para começar, como sou usuário de caixas com falantes de oito polegadas há um bom tempo, fiquei curioso em ver se o tamanho de seis polegadas poderia ser interessante. Já tirando da embalagem, o formato arredondado tornou a tarefa mais fácil, sendo possível puxar o monitor de dentro da caixa (tarefa impossível na Rokit 8, como veremos a seguir). Porém, este modelo exige um cuidado muito comum hoje em dia. Como não há grade de proteção para o tweeter, se o usuário não tomar cuidado, ao puxar o monitor pode acabar o amassando, trazendo sérias consequências ao som. Portanto, se o fabricante colocasse uma proteção sobre o tweeter na embalagem, facilitaria muito a nossa vida.

Outro aspecto interessante é que, em vez de pés de borracha (ou nenhum tipo de apoio, como se



encontra por aí), o fundo do monitor é todo forrado em borracha, tornando muito fácil encontrar uma superfície na qual o monitor não escorregue durante o uso. Uma ótima ideia.

Quanto à construção, o woofer é feito de tecido de Kevlar, material cujo uso sempre distinguiu a KRK de outros fabricantes. O tweeter é de ferrite de 1", do tipo *silk dome*. Toda a caixa passa a impressão de um design moderno, seguindo as tendências dos projetos atuais. A estrutura é feita em *ABS Structural Foam*, em vez do tradicional *Medium Density Fiberboard*. O *ABS (Acrylonitrile Butadiene Styrene)* é um termoplástico utilizado amplamente na fabricação de caixas, sendo que, na forma de espuma estrutural, permite a mesma rigidez com menor peso, permitindo paredes mais finas e aumentando o volume interno da caixa, melhorando a resposta de graves. Ao mesmo tempo, oferece maior amortecimento, reduzindo

a ressonância do gabinete. Uma vantagem adicional é a redução de peso.

Segundo o fabricante, as bordas arredondadas do gabinete reduzem a difração, permitindo um melhor nível de detalhe sonoro e melhor imagem estéreo. A face frontal recurvada também melhora a dispersão fora de eixo. Em termos de eletrônica, as VXT vêm com biamplificação de potência incorporada, contendo três filtros ativos (subsônico, passa-baixas e passa-altas) trabalhando como crossovers. Ainda seguindo a tendência moderna, a incorporação do amplificador de potência ao monitor traz uma série de benefícios, pois permite um acoplamento perfeito aos drivers.

O painel traseiro oferece várias possibilidades de ajustes. Vejamos, então os controles disponíveis:

**Ajuste do nível (System Level Adjust):** permite ajustar em uma faixa de -30dB a +6dB. Infelizmente, o potenciômetro não é indentado, tornando o ajuste fino menos preciso.

**Ajuste de altas (HF Adjustment):** o patamar de altas frequências pode ser ajustado em shelving de +1, flat e -1 dB a partir de 2kHz. Um gráfico ao lado da chave ajuda a dar uma ideia da função.

**Ajuste de baixas (LF Adjustment):** esta chave ajusta o conteúdo de graves, sendo fundamental de acordo com a distância em relação às paredes. Possui três posições: *Whole*, para situações em que não há paredes próximas (-3dB@52Hz), *Quarter*, caso a caixa esteja próxima a uma quina (-3dB@75Hz), e *Half*, quando ela está próxima a apenas uma parede (-3dB@60Hz).

**Aterramento:** opção entre terra suspenso (lift), ou não (gnd).

**Audio mute:** colocando esta chave na posição ON, ativa-se um circuito temporizador que des-



liga a fonte de tensão quando não há áudio por aproximadamente 20 minutos.

**Clip indicator/Limiter switch:** permite três opções. Na posição ON, o led de clipping (vermelho) fica ativo e o limiter fica bypassado. Quando o led começa a acender, significa que o amplificador está próximo da clipagem. Segundo o fabricante, se o led pisca eventualmente, e por pouco tempo, não há risco para o equipamento. Na posição OFF, o led de clipping fica desligado e o limiter bypassado<sup>1</sup>. Na posição LIMIT, o sinal passa por um circuito limitador sempre que ultrapassa um threshold predeterminado (pelo fabricante). É a famosa chave "anti-empolgação" dos velhos tempos, pois garante que os ouvintes mais entusiasmados não danifiquem o equipamento. Quando estiver ocorrendo a limitação, o led verde acende. Embora no dia a dia de mixagem esta chave seja perigosa para os resultados, durante a etapa de gravação, e naquelas situações em que está todo

1. Não consigo imaginar uma situação em que se queira o led desligado, a não ser que um técnico com raiva do dono do estúdio deseje queimar o monitor sem que ele perceba.

mundo tocando junto, pode ser uma garantia. Dá para ir almoçar e deixar a galera tocando nas alturas sem se preocupar.

O melhor de tudo é que as chaves vêm com uma cobertura plástica, impedindo que sejam acidentalmente acionadas. É o tipo de dispositivo barato e que tem um valor enorme. Ponto para a KRK. A conexão do áudio se dá através de conector combo, permitindo a conexão de plugues XLR e TRS. Infelizmente, possui somente entrada balanceada e se caso esteja usando um cabo não balanceado, se deverá tomar o cuidado de soldar o ring à malha.

## A Rokit 8

À primeira vista, as Rokit parecem ser voltadas ao público semiprofissional. Não que isso seja um demérito<sup>2</sup>, apenas transparece, seja pelo design, faixa de preço e até mesmo pelo manual, que traz desenhos detalhados de como conectá-la em diversas situações. Na verdade, enquanto o público semiprofissional aumenta constantemente, o profissional está cada vez mais escasso...

Pois bem, a primeira dificuldade foi conseguir tirar da embalagem. Por ter o design bem "quadrado", fica mais fácil tirar a embalagem do monitor do que o monitor da embalagem. O peso de 15kg só contribui para isso. Da mesma forma que na VXT, que pesa 13kg, deve-se tomar muito cuidado com o tweeter, que também não apresenta nenhuma proteção. A base, assim como na VXT, é toda em borracha, uma senhora vantagem.

Entrei no site da KRK para conferir as especificações e vi que eles acabaram de lançar as Rokit Generation 2 (geração 2), com o gabinete mais arredondado e mais leve. Sem dúvida será muito benéfico. O design antigo realmente é um tanto burocrático mesmo. Uma pena que não tenham sido elas as que eu pude testar. Mas, provavelmente, a culpa é minha, pois levei uma eternidade para fazer os testes. Como a parte eletrônica



me parece ter ficado a mesma, provavelmente nessa nova geração teremos menos efeitos de difração e alguma melhora na imagem estéreo e na resposta fora de eixo. Então, nossos testes vão levar isso em conta.

O cone do woofer é feito de um composto de aramida (kevlar) e fibra de vidro, o que alia rigidez e baixa massa. Estes cones, como já disse antes, são uma característica da KRK e possuem um desempenho único. O tweeter é de Neodímio de 1" com *soft dome* - daí o cuidado no manuseio para não amassá-lo.

O painel traseiro apresenta uma chave de ajuste de volume, com faixa entre -30 a +6 dB e indicação dos pontos de -6 e +3 dB. A chave não é indented, dificultando ajustes mais finos. Há também uma chave para o ajuste de altas frequências com quatro posições. Estas ajustam um shelving em -2, -1, 0 e +1 dB, a partir de 2kHz.

2. Na verdade, é um "benemérito", como ouvi um apresentador de TV falar, outro dia.

Esta chave ajuda a compensar quando na utilização em salas com excesso de absorção de agudos<sup>3</sup>.

Infelizmente, não há um ajuste de graves, que seria muito desejável. O público alvo para um equipamento nesta faixa de preço muito provavelmente tem menos investimento em acústica em sua sala, além de dispor de poucas opções de posicionamento físico para os monitores. Daí, muito frequentemente haverá paredes próximas, e seria necessária uma correção de graves. Uma pena que as Rokit não a tenham. Porém, uma vantagem, tanto deste modelo quanto da VXT, é que os ports ficam na frente, diminuindo a interação das caixas com as paredes traseiras.

Quanto aos conectores, ela apresenta um XLR e um TRS, ambos balanceados, e, felizmente, um RCA não-balanceado. Digo isso, porque certamente haverá uma faixa do público alvo cujas saídas de mesas, placas, ou interfaces são RCA, o que torna tudo mais "casado", com cabos mais fáceis de serem encontrados. Entretanto, a falta de um circuito de auto



---

3. Ou, quem sabe, técnicos na casa dos 50, ou mais.

mute pode ser uma leve desvantagem em comparação aos modelos similares de outras marcas.

## Os testes de áudio

Comecei pelas VXT e me dei bem. Elas de cara já soaram muito bem, com ótima definição e uma imagem estéreo impressionante. Os agudos são nítidos e suaves, e os graves até surpreendem. Existe um certo reforço na região das médias baixas, mas nada que incomode. A transição dos graves para os agudos é muito transparente, o que indica a boa qualidade dos crossovers. Usei material já conhecido para a audição e também trabalhei em uma mixagem nova, e em poucos minutos já estava habituado com as caixas.

O resultado é que as VXT soam muito “confortáveis” e não provocam nenhuma fadiga auditiva, fundamental para mim. Além disso, suportam potências altas tranquilamente. Consegui níveis de SPL muito bons para trabalhar e, sinceramente, não senti falta de mais graves, ao contrário do que imaginava para woofers de seis polegadas. Com uma resposta nominal de 49Hz a 22kHz ( $\pm 1.5\text{dB}$ ), na prática elas soam exatamente o que prometem. E podemos acreditar nos 60W do amplificador de graves e 30W do de agudos, pois estas caixas falam mesmo. Forcei a entrada do limiter e ele funcionou tranquilamente, com o resultado sonoro esperado (nada sutil, claro). O indicador de clipping não funciona mais “cedo” que o esperado. Apesar de submetê-las a um clipping forçado, o funcionamento posterior continuou inalterado. As chaves atuaram como o esperado.

Primeiro teste concluído, passei para as Rokit. Nessas, os agudos soaram melhores que nas VXT, com um pouco mais de definição. A imagem estéreo é ligeiramente inferior, mas ainda bastante boa. A ri-

queza de detalhes, principalmente de médias, surpreende. Na verdade, elas soam com um pouco de coloração na região entre 700Hz e 1kHz. Na comparação, como esta região de frequências é pouco querida pelo ouvinte típico<sup>4</sup>, pode ser que as VXT soem mais agradáveis, mas provavelmente as Rokit são mais sinceras nesta faixa de frequências.

Quanto aos volumes, as ROKIT entregam o que prometem (20W de altas e 70W de graves) e a resposta em frequência (45 a 20kHz,  $\pm 1.5\text{dB}$ ) soa verdadeira, passando mesmo a impressão de que falam até mais grave do que isso. Agora, o circuito de proteção térmico pode requerer certo cuidado, pois costuma ser eficiente, porém lento. Eu mesmo consegui queimar o fusível de entrada apenas aumentando o volume excessivamente. O ponto positivo é que elas vêm com um fusível extra. Embora o volume utilizado tenha sido extremamente alto, não é uma condição raríssima de acontecer.

Em resumo, as Rokit apresentaram um desempenho muito bom, principalmente considerando a faixa de preço. O ar antiquado, pelo visto, já foi superado na Generation 2, e a imagem estéreo, inferior à da VXT, provavelmente também recebeu esse upgrade. Senti falta apenas da chave de controle de graves. As VXT, com seu design mais atraente e uma sonoridade extremamente nítida, se destacaram na performance. As Rokit vão atender perfeitamente às necessidades dos estúdios de projeto, entregando um som honesto e consistente. As VXT se encaixam em muitos estúdios profissionais e semiprofissionais, com uma sonoridade confortável e um ótimo nível de detalhe. Sua relação custo/benefício é também excelente.

Segundo dados da importadora, o preço médio unitário da Rokit 8 no mercado é de R\$ 1.800,00, e o da VXT6 é de R\$ 1.780,00. Para mais informações, o site da Habro Music é [www.habro.com.br](http://www.habro.com.br). ●

#### 4. Vide a famosa equalização “smiley” da galera.

Fábio Henriques é engenheiro de gravação e mixagem. Enquanto escrevia este artigo, trabalhava na mixagem do DVD da cantora Eliana Ribeiro, da gravadora do grupo Canção Nova.